Submissão: 29/04/2021
Aprovação: 29/06/2021
Publicação: 30/09/2021

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 3 Setembro – Dezembro 2021
Edição Especial: Tecnologias Perecíveis

ARTIGO

POR UMA BIOARQUEOLOGIA DAS TÉCNICAS CORPORAIS

Daniel Fidalgo*, Marina DiGiusto**, Rafael Stabile***, Beatriz Aceto****, Igor Rodrigues*****, Veronica Wesolowski******

RESUMO

Aqui exploramos o potencial informativo da análise de remanescentes humanos quando o corpo é em si percepcionado enquanto tecnologia perecível. Essa é uma premissa básica da abordagem biocultural utilizada pela bioarqueologia, mas nem sempre é claramente evidente para arqueólogas e arqueólogos que não são especialistas nessa disciplina. Neste artigo recorremos à aproximação entre a perspectiva bioarqueológica e a perspectiva antropológica explorada por Marcel Mauss quando tratou das técnicas corporais para refletir, através de alguns exemplos colhidos na literatura, como resultados de análises bioarqueológicas colocam em evidência elementos sociais e culturais imbricados no corpo. Longe de um exercício extensivo sobre todas as possibilidades de análise, pretendemos apenas levar o leitor a refletir como o conhecimento produzido a partir da bioarqueologia pode contribuir para as narrativas arqueológicas sobre sociedades pretéritas. Por fim, procuramos demonstrar, ainda que de forma breve, como a análise de remanescentes humanos pode ser encarada como uma janela para explorar outras tecnologias perecíveis.

Palavras-chave: arqueologia; antropologia biológica; remanescentes humanos.

* Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos em Zooarqueologia e Bioarqueologia; Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra, Calçada Martim de Freitas, Edifício de São Bento, 3000-456 Coimbra, Portugal; Bolsista FAPESP; e-mail: danielfidalgo15@usp.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7175-1686.

**Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos em Zooarqueologia e Bioarqueologia; Bolsista CAPES; e-mail: marina.giusto@usp.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4595-4487.

***Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPArq) do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), Brasil; Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos em Zooarqueologia e Bioarqueologia; e-mail: stabilearq@gmail.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1015-1294.

****Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos em Zooarqueologia e Bioarqueologia; Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE-USP); Bolsista CAPES; e-mail: beatriz.aceto@usp.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6237-8514.

DOI: https://doi.org/ 10.24885/sab.v34i3.928

ARTICLE

TOWARDS A BIOARCHAEOLOGY OF TECHNIQUES OF THE BODY

ABSTRACT
Here we explore the informative potential of analysing human remains, when the body itself is perceived as a perishable technology. This is a basic premise of the biocultural approach used by bioarchaeology, but it is not always clearly evident to archaeologists who are not specialists in this particular field. In this article, we combine the bioarchaeological perspective and the anthropological perspective explored by Marcel Mauss when he described techniques of the body to show, through some examples in the literature, how the results of some bioarchaeological analysis can highlight social and cultural elements imbricated in the body. Far from an extensive exercise on all possibilities of analysis, we only intend to lead the reader to reflect on how the knowledge produced from bioarchaeology can contribute to archaeological narratives about past societies. Finally, we try to demonstrate, albeit briefly, how the analysis of human remains can be seen as a window to explore other perishable technologies.

Keywords: archaeology; biological anthropology; human remains.

ARTÍCULO

PARA UNA BIOARQUEOLOGÍA DE TÉCNICAS CORPORALES

RESUMEN
Aquí exploramos el potencial informativo del análisis de restos humanos, cuando el propio cuerpo se percibe como una tecnología perecedera. Esta es una premisa básica del enfoque biocultural utilizado por la bioarqueología, el cual no siempre es evidente para los arqueólogos y arqueólogas que no son especialistas en esta disciplina. En este artículo utilizamos la aproximación entre la perspectiva bioarqueológica y la perspectiva antropológica explorada por Marcel Mauss cuando abordó las técnicas corporales, para reflexionar a través de algunos ejemplos recogidos en la literatura, como resultados de análisis bioarqueológicas ponen en evidencia elementos sociales y culturales imbricados en el cuerpo. Lejos de un ejercicio extensivo sobre todas las posibilidades de análisis, sólo pretendemos llevar al lector a reflexionar sobre cómo el conocimiento producido a partir de la bioarqueología puede contribuir a las narrativas arqueológicas sobre sociedades pasadas. Finalmente, intentamos demostrar, aunque sea brevemente, cómo el análisis de restos humanos puede verse como una ventana para explorar otras tecnologías perecederas.

Palabras clave: arqueología; antropología biológica; restos humanos.

*****Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território – LINTT; Bolsista FAPESP; e-mail: igor_mmrodrigues@hotmail.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4793-8157.

******Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos em Zooarqueologia e Bioarqueologia; e-mail: wesowski@usp.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4685-1500.

INTRODUÇÃO

O estudo de remanescentes humanos subsidia informações importantes acerca do estilo de vida de comunidades pretéritas associadas a contextos arqueológicos (LARSEN, 1987), sobretudo quando sua descrição deixa de ser o resultado final da pesquisa e passa a ser um caminho para compreender melhor a vida e o cotidiano de pessoas e comunidades (WASHBURN, 1951; BUIKSTRA e BECK, 2009).

Aqui abordaremos o potencial informativo da análise de remanescentes humanos, aproximando a perspectiva bioarqueológica de abordagens antropológicas que também permitem pensar o corpo enquanto tecnologia perecível. Reconhecemos, tanto nos trabalhos de Mauss (2003 [1934]) como no de Bourdieu (1990), perspectivas antropológicas que fundamentam essa aproximação e são relevantes para o estudo do corpo e da transmissão sociocultural das normas que determinam a forma como o utilizamos no desempenho de certas atividades. Não obstante, o nosso foco será em práticas corporais assim como definidas por Mauss (2003 [1934]), que entende o corpo humano como um instrumento técnico em si e ao mesmo tempo como um meio técnico para elaborar artefatos, dentre outros afazeres, e postula que as atividades mais corriqueiras (como andar, repousar e comer) são técnicas corporais idiossincráticas às diversas sociedades e culturas, variando entre elas e no tempo. Ao envolverem um *habitus*[1], tais técnicas corporais envolvem aprendizagem e são socialmente incutidas nos indivíduos (MAUSS, 2003 [1934]).

O mesmo autor também desenvolve um sistema de classificação das técnicas corporais, considerando os eixos da variação sexual, variação etária, eficiência e formas de transmissão (MAUSS, 2003 [1934]). Consequentemente, suas ideias encontram-se com a premissa da bioarqueologia de que é possível, através de determinados marcadores esqueléticos, inferir formas de viver e de se comportar. Bioarqueólogas e bioarqueólogos aplicam essa premissa com frequência, e nesse sentido o que aqui propomos não é uma inovação. Contudo, através de uma aproximação com a narrativa antropológica, pretendemos nos aproximar de outros especialistas talvez menos relacionados com análises em remanescentes humanos, e refletir como alguns elementos osteológicos podem auxiliar a vislumbrar técnicas corporais presentes no cotidiano de sociedades pretéritas.

Por meio de diversas cadeias operatórias (LEROI-GOURHAN, 1964), o corpo interage e se constrói também com outras tecnologias perecíveis pouco visíveis ao registro arqueológico, mas que gradualmente se tornam claras e fundamentais ao moldar o corpo e o contexto em que se enquadra. Assim, o corpo torna-se vetor de entendimento de outras tecnologias perecíveis nele imbricadas.

Existe um crescimento de pesquisas e métodos que utilizam materiais perecíveis advindos dos mais variados contextos arqueológicos (WEBSTER e DROOKER, 2000; HURCOMBE, 2014; JOLIE e WEBSTER, 2017), embora no Brasil exista dificuldade na recuperação desse tipo de material por diversas razões, sobretudo de ordem ambiental (p.ex. temperatura, umidade, acidez de solo). Como muitas das práticas realizadas pelo corpo humano são efêmeras, o que muitas vezes observamos é meramente uma parte ínfima das atividades praticadas por um indivíduo ao longo de sua vida, e assim, ao estudarmos remanescentes humanos, precisamos ter em mente que as evidências são por natureza vestigiais.

---

[1] Para Mauss (2003 [1934], p. 404), *habitus* é todo um conjunto de costumes e comportamentos cotidianos, adquiridos por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, e que variam sobretudo mediante sociedades, educações, necessidades e tendências.

Acrescenta-se que, assim como outros elementos que perecem ao longo do tempo, também o corpo está sujeito a decompor-se e desaparecer. A variabilidade com que o processo de decomposição e degradação cadavérica ocorre depende de fatores intrínsecos e extrínsecos, os quais a tafonomia, como ciência, se encarga de analisar (WEISS-KREJCI, 2011; FERREIRA, 2012). Devido ao escopo deste trabalho, é importante lembrar que o potencial informativo dos remanescentes humanos muitas vezes depende do seu estado de preservação, quer sejam esqueletos, quer sejam outras formas de corpos humanos presentes no registro arqueológico (p.ex. corpos mumificados). Tratando-se especificamente do esqueleto, é preciso registrar que, embora seja frequentemente percepcionado como um registro permanente, ele é na realidade um elemento orgânico perecível sujeito à perda de seu potencial informativo conforme sua integridade diminui. Destacamos ainda que, após a exumação dos remanescentes humanos, o espaço em que estes serão salvaguardados opera um papel importante na sua preservação a longo prazo e, ao adentrarem às instituições de guarda, necessitam de cuidados particulares que mitiguem perdas por condições curatoriais adversas e mesmo pelas próprias ações de pesquisa (LESSA, 2011, 2017).

Dito isso, existem elementos particulares de análise que nos permitem inferir, com algumas limitações, as dinâmicas do corpo humano em sociedades pretéritas. Entre outros aspectos, diferenças ou semelhanças na realização cotidiana de certas atividades (p.ex. moagem, raspagens, polimento, nado, canoagem) ou posturas (p.ex. cócoras, agachamentos, entre outros), inferidas a partir de alterações degenerativas articulares, podem ser contextualizadas a partir de sua relação com o sexo biológico (estimado por características esqueléticas ou por aDNA) e com a idade. Além disso, as dinâmicas também podem ser compreendidas em termos de como os indivíduos contribuem para o atendimento das necessidades da sua comunidade. Igualmente, cuidados e suporte social a pessoas afetadas por enfermidades de longo prazo ou deficiências físicas podem ser inferidos tendo-se em conta, em conjunto, a idade (estimada por marcadores esqueléticos) e as potenciais limitações relacionadas à condição apresentada, entre outros elementos. Por fim, podemos também deduzir aspectos da relação entre indivíduos adultos e sub-adultos, e compreender melhor práticas sociais que subsidiaram seu desenvolvimento desde a infância até à idade adulta (p.ex. eventos de estresse e hábitos alimentares ao longo do tempo).

Entendemos que muitos desses exemplos se enquadram na forma como Mauss (2003 [1934]) distingue os eixos mais adequados à compreensão das técnicas corporais: 1) Variabilidade conforme o sexo; 2) Variabilidade conforme a idade; 3) Rendimento das técnicas (em termos de destreza técnica); 4) Transmissão das Técnicas Corporais. A eles acrescentamos um quinto eixo relacionado ao cuidado, ou seja, admitimos que uma série de técnicas corporais podem ser compreendidas especificamente como Técnicas do cuidado social e que estas articulam o corpo do(s) cuidador(es) e o corpo de quem é cuidado. Discorreremos brevemente sobre como várias das análises feitas no campo da bioarqueologia abordam os corpos humanos arqueológicos a partir desses mesmos eixos, permitindo inferir comportamentos relacionados às práticas do corpo presentes em sociedades pretéritas.

Mais do que abordar o assunto em profundidade, procuramos demostrar a articulação existente entre as abordagens bioarqueológicas e os estudos de técnicas corporais, recorrendo sempre que possível à apresentação de estudos realizados no Brasil. Em particular, existe uma certa ênfase em pesquisas realizadas na região Sudeste, embora sejam também citados estudos realizados em outras regiões. Não obstante, de um modo geral, consideramos que em todos os casos essas pesquisas podem servir como referências para pesquisas futuras realizadas em outras regiões do contexto nacional.

VARIABILIDADE DAS TÉCNICAS CORPORAIS SEGUNDO OS SEXOS

Atividades físicas, laborais ou não – aqui entendidas como técnicas corporais – não possuem uma relação natural com sexo biológico, mas uma de ordem cultural e social. Ou seja, eventuais vínculos entre sexo biológico e organização comunitária, incluindo papéis e hierarquias socioeconômicas, variam entre sociedades (WALKER e COOK, 1998, MAUSS, 2003 [1934]). Há algumas décadas que a Arqueologia problematiza essa relação, dedicando-se ao seu estudo através de diferentes estratégias de pesquisa. Para uma discussão recente, ver Agarwal e Wesp (2017); e para alguns exemplos no Brasil, ver Escórcio e Gaspar (2005), Sene (2007, 2017) e Witcher (2017) (outros trabalhos no contexto nacional sobre o tema podem ser encontrados na Revista de Arqueologia, v. 30 n. 2: Arqueologia e Crítica Feminista). Enquanto campo dedicado a contextualizar o corpo (bio)culturalmente no tempo e no espaço (GELLER, 2008), a bioarqueologia tem também potencial específico para desconstruir interpretações baseadas em anacronismos que transportam ao passado as visões contemporâneas sobre o corpo.

A partir do estudo de remanescentes humanos de indígenas Tenetehára-Guajajara, Suby e colaboradores (2011) debruçaram-se sobre a possibilidade de que, ao longo do tempo, tenha ocorrido mudanças na forma como tarefas cotidianas se distribuíam entre homens e mulheres. O estudo foi realizado sobre esqueletos de 21 indivíduos dessa etnia, exumados na década de 1940 com o consentimento explícito da chefia do grupo, por uma equipe do Museu Nacional do Rio de Janeiro (SUBY *et al*., 2011). Essa coleção apresentava a vantagem de poder ser lida à luz de dados históricos sobre esse povo que remontam ao período de contato inicial com europeus e africanos. Além dos esqueletos, havia ainda no Museu Nacional um conjunto de moldes dentários que documentavam as alterações intencionais realizadas nos dentes pelos Tenetehara-Guajajara.

A hipótese dos autores era de que este grupo teria alterado a forma como tarefas cotidianas eram distribuídas por sexo após o contato com grupos europeus (SUBY *et al*., 2011). Como ossos longos costumam responder à solicitação de força muscular alterando sua espessura e forma, o que pode ser mensurado através da geometria observada em um corte transversal, os autores aplicaram essa técnica às tíbias, demonstrando diferenças em sua forma ao longo do tempo (SUBY *et al*., 2011). As diferenças encontradas sugerem pressões mecânicas maiores sobre os membros inferiores de indivíduos masculinos se comparados aos indivíduos femininos. Ou seja, é possível que as tarefas que exigissem o transporte ou sustentação de cargas mais pesadas fossem reservadas aos indivíduos biologicamente masculinos, pelo menos durante o período inicial do contato com europeus (SUBY *et al*., 2011). Em contraste, tomando em conta relatos históricos, antes do contato com grupos europeus, eram as mulheres as principais responsáveis por atividades físicas pesadas (SUBY *et al*., 2011).

O hábito da posição agachada é bastante difundido entre populações humanas, atuais e pretéritas, e pode ser examinado através de remanescentes esqueléticos, pois a permanência regular nessa posição frequentemente resulta em alterações ósseas, sobretudo em tíbias e tálus, que são em seu conjunto conhecidas como marcadores ósseos posturais (BARNETT, 1954; SINGH, 1959; UBELAKER, 1979; BOULLE, 2001; DLAMINI e MORRIS, 2005). No Brasil algumas pesquisas bioarqueológicas têm documentado diferenças no uso dessa técnica corporal entre indivíduos masculinos e femininos em contextos arqueológicos (MELLO E ALVIM e UCHÔA, 1993; RODRIGUES-CARVALHO e SOUZA, 2007, SENE, 2007).

Um estudo realizado com esqueletos oriundos principalmente de sítios de pescadores-coletores do litoral sudeste brasileiro bastante estudados (Sambaqui da Beirada, Sambaqui do Moa, Sambaqui Zé Espinho e Ilhote do Leste) concluiu que, pelos marcadores analisados, (facetas ósseas e impressões musculares), a posição de cócoras foi

recorrente em indivíduos de ambos os sexos, com exceção de Ilhote do Leste, onde essa posição foi proporcionalmente mais frequente entre mulheres (RODRIGUES-CARVALHO e SOUZA, 2005). Em contrapartida, um outro estudo, geograficamente mais abrangente e principalmente baseado em séries pré-coloniais costeiras provenientes de diferentes sítios do litoral meridional, parece ter observado uma maior frequência de marcadores de agachamento entre indivíduos masculinos (MELLO E ALVIM e UCHÔA, 1993). Para explicar essa diferença, propôs-se um repertório mais amplo de posições agachadas usado por indivíduos femininos em comparação a um repertório mais restrito entre indivíduos masculinos, algo que tem paralelo em grupos indígenas atuais (MELLO E ALVIM e UCHÔA, 1993).

Em comparação, os esqueletos de grupos horticultores recuperados no sítio Gruta do Gentio II (MG) contam uma história diferente (SENE, 2007). Nessa coleção foram encontrados raros casos de facetas de agachamento no tornozelo entre os indivíduos do sexo masculino, sendo muito mais frequentes em indivíduos femininos (SENE, 2007), sugerindo que estes se mantinham nessa posição com maior frequência e por mais tempo. Essa distinção no uso de técnicas corporais de agachamento, observada entre povos horticultores que enterraram seus mortos na Gruta do Gentio e povos pescadores-coletores do litoral sul-sudeste, reitera a ideia de que as técnicas corporais são socialmente constituídas, ensinadas e aprendidas, variando de uma sociedade para a outra segundo lógicas internas e particulares a cada uma (MAUSS, 2003 [1934]).

Nesse aspecto, a abordagem bioarqueológica permitiu vislumbrar distintas formas de descansar ou de se posicionar para o trabalho que, embora organizadas em um eixo sexual, variaram de um grupo para o outro, indicando uma relação culturalmente constituída entre uma postura e o sexo dos indivíduos que a assumem.

Apesar da possível diferença já mencionada em termos de postura em agachamento (MELLO E ALVIM e UCHÔA, 1993), é interessante observar que, entre alguns sambaquieiros do Sudeste (Sambaqui do Moa, Ilhote do Leste, Sambaqui Zé Espinho, Sambaqui da Beirada), outras alterações ósseas ligadas a demandas físicas, no geral, não se mostraram diferentes em um eixo sexual, sugerindo que indivíduos masculinos e femininos compartilhavam a maioria das tarefas do dia-a-dia (RODRIGUES-CARVALHO, 2004; LESSA e RODRIGUES-CARVALHO, 2015). Parece que, em termos de técnicas corporais da vida cotidiana, entre esses povos as mesmas atividades eram realizadas pela maioria das pessoas, independentemente de seu sexo, o que contrasta por exemplo com as observações feitas por Suby e colaboradores (2011) quanto aos Tenetehara-Guajajara.

Olhando além das atividades e posturas cotidianas para comportamentos associados a aspectos simbólicos e identitários (individuais e coletivos), em alguns contextos a bioarqueologia pode abordar técnicas corporais associadas ao adorno do corpo. Consideraremos aqui os adornos labiais que, apesar de bem documentados etnograficamente, são raros em contextos funerários pré-coloniais, mas podem ser inferidos através de alterações dentárias decorrentes de seu uso cotidiano. Por exemplo, para o sambaqui de Cabeçuda não há registro do achado de tembetás nas escavações, porém a perda dentária seletiva dos incisivos inferiores, prevalente apenas em indivíduos masculinos, aumentando com a idade e associada a pequenas reações inflamatórias do osso na região, levou Rodrigues-Carvalho e Souza (1998) a proporem o uso de tembetás por esses indivíduos. A ausência de achados diretos desses objetos nas sepulturas é ponderada pelas autoras, que sugerem que possivelmente estes eram confeccionados em materiais perecíveis e tinham pequenas dimensões. Apoiam-se ainda no fato de que, quando presentes, os dentes incisivos inferiores não denotavam sinais de trauma maior e que as lesões inflamatórias observadas eram discretas, não guardando em nada

semelhança com as descrições conhecidas para casos etnográficos de uso de tembetás grandes e pesados. Por outro lado, consideram estudos que relatam que adornos labiais leves e fixados por nós, de fibras, posicionados entre o lábio e a face anterior dos incisivos centrais acabam provocando gengivite, que com o tempo leva à perda dentária (RODRIGUES-CARVALHO e SOUZA, 1998).

VARIABILIDADE DAS TÉCNICAS CORPORAIS QUANTO À IDADE

Técnicas corporais também podem variar segundo distintos momentos etários e Mauss (2003 [1934]) propõe que possam estar relacionadas, em geral, a quatro momentos maiores da "...biografia normal da vida dos indivíduos..." (MAUSS, 2003 [1934], p. 412): nascimento, infância, adolescência e idade adulta. Cada sociedade aportaria a cada uma dessas etapas um conjunto de técnicas que em alguma medida lhe seriam próprias. Ao mesmo tempo, em cada uma dessas "fases maiores" da vida de um indivíduo, pode-se vislumbrar etapas mais específicas, relativas a momentos determinados, às quais caberiam determinadas técnicas corporais. Muitas vezes a passagem de uma fase de vida a outra poderá ser imbuída de significados simbólicos que variam entre sociedades e que podem ser ritualizados nos momentos de passagem de um estágio de vida ao seguinte, de um papel social ao outro (como no caso dos ritos associados à nomeação ou à transição púbere presentes entre os mais diversos povos).

Ao lidar diretamente com remanescentes humanos, a bioarqueologia pode abordar de modo muito profícuo potenciais técnicas corporais que se organizem ou expressem em um eixo etário, em particular aquelas relacionadas à infância e adolescência. Crianças e jovens possuem corpos em desenvolvimento e em muitas sociedades são "pessoas em construção", no sentido de que esses períodos marcam transições importantes ligadas, entre outros, ao reconhecimento do indivíduo como pertencente à comunidade, ao ganho progressivo de autonomia, ao aprendizado de competências e aos comportamentos necessários a seu reconhecimento como membro adulto da comunidade (SEEGER, DA MATTA e VIVEIROS DE CASTRO, 1979; GENNEP, 2011). Os corpos em desenvolvimento de crianças e jovens permitem que se estime de forma bastante acurada a faixa etária em que algumas técnicas corporais se imbricam ao corpo e o marcam.

O desmame, período em que a criança deixa de receber exclusivamente o leite materno e passa a consumir outros tipos de alimento, é um processo usualmente mediado por uma série de elementos culturais e sociais, com impacto tanto no corpo da criança como no da mãe (FISK *et al*., 2011; GOWLAND e HALCROW, 2019). Em populações arqueológicas, o desenvolvimento dentário permite inferir as idades de desmame, seja de forma indireta pelo estudo das hipoplasias lineares de esmalte (HLE), seja de forma mais acurada por meio de análises de isótopos estáveis. As HLE são linhas de diminuição da espessura do esmalte dentário que o marcam indelevelmente e formam-se em decorrência da interrupção ou diminuição da produção da matriz do esmalte, previamente à sua mineralização. Essa alteração na formação da matriz do esmalte, por sua vez, está relacionada a distúrbios de crescimento que decorrem de um evento estressor, como por exemplo o desmame (GOODMAN, ARMELAGOS e ROSE, 1980).

O tipo de subsistência do grupo tem sido associado à idade de desmame completo, com idades mais precoces de cessação completa do aleitamento entre povos agricultores e pastores (em torno de 2 anos) e idades mais tardias entre caçadores-coletores (até 5-6 anos) (SELLEN e SMAY, 2001). Uma interpretação frequente na literatura toma, ainda que implicitamente, essa relação como causal, ou seja, a natureza da dieta seria um condicionante para a idade de desmame mais precoce entre grupos agricultores e pastores exatamente pela disponibilidade de dietas de transição mais adequadas (na forma de papas de vegetais e/ou leite) (SELLEN e SMAY, 2001). No entanto, algumas

pesquisas mais recentes têm complexificado essa discussão (TESSONE *et al*., 2015; KING *et al*., 2018).

No deserto de Atacama, Chile, análises isotópicas aplicadas tanto a remanescentes humanos de grupos agricultores como a grupos pré-agricultores não encontrou diferença no intervalo etário do desmame (de 1.5 a 3.5 anos) entre os grupos, por outro lado encontrou grande variação isotópica entre todos os indivíduos, o que poderia estar relacionado a diferentes práticas alimentares infantis (KING *et al*., 2018). Da mesma forma, estudos feitos com grupos caçadores-coletores na Patagônia sugerem que o aleitamento perde a proeminência como principal fonte de alimento em torno dos 2 anos, mas só é completamente interrompido entre 5 e 6 anos (TESSONE *et al*., 2015).

Como, por volta dos 2 anos de idade, as crianças já possuem a dentição decídua (dentes de leite) completa (BUIKSTRA e UBELAKER, 1994), sendo capazes de ingerir alimentos duros, idades de desmame completo mais tardias e/ou a manutenção do aleitamento complementar sugerem que a opção pela manutenção da amamentação envolve razões que extrapolam aquelas ligadas às necessidades nutricionais, e que em alguns casos podem inclusive sugerir técnicas corporais ligadas ao cuidado compartilhado das crianças e às estratégias de amamentação compartilhada (KENNEDY, 2005). Dessa forma, a relação subsistência/desmame não seria direta ou simples; e o comportamento do grupo em si e suas escolhas culturais teriam um papel importante no processo, sendo necessário considerar elementos de divisão de tarefas, técnica de amamentação compartilhada, sedentarismo, acesso diferenciado aos alimentos, mortalidade infantil, saúde materna, entre outros.

No Brasil, estudos sobre HLE feitos para grupos de pescadores-coletores do sul-sudeste têm sugerido um padrão etário para o desmame que varia muito entre diferentes sítios e períodos. Em alguns casos, é apontado um desmame mais precoce (em torno de 2 anos) em outros, um desmame mais tardio (em torno de 4 anos) (SOUZA, 1995; WESOLOWSKI, 2000; FISCHER, 2012; DIGIUSTO, 2017). É interessante notar que idades mais tardias foram estimadas para contextos litorâneos em que a presença de cerâmica sugeria a existência de técnicas de cozimento que facilitariam o preparo de alimentos de transição. Trabalho recente que investigou o desmame entre indivíduos do Sambaqui Jabuticabeira II através de análise isotópica também encontrou uma variação individual grande com algumas crianças sendo totalmente desmamadas aos 6 meses e outras, apenas aos 4 anos, ainda que a média tenha ficado entre 2-3 anos (PEZO-LANFRANCO, DEBLASIS e EGGERS, 2018), média essa que corrobora os intervalos sugeridos pelo estudo da HLE (DIGIUSTO, 2017).

A aplicação de uma perspectiva baseada na ideia de técnicas corporais permite considerar a variação observada no contexto dos pescadores-coletores do sul-sudeste um pouco além daquilo que vem sendo usualmente feito. Embora a abordagem biocultural própria da bioarqueologia seja relativamente semelhante à reflexão da abordagem de técnicas corporais, por vezes os estudos de HLE têm sido pouco explícitos em sugerir como as diferenças nos padrões observados poderiam se relacionar às múltiplas formas de lidar com o aleitamento e com sua interrupção, tanto entre diferentes comunidades como entre indivíduos de uma mesma comunidade. Nesse caso, o olhar para a "regra" permitiria entender técnicas corporais ligadas ao aleitamento e ao cuidado do bebê e da criança pequena partilhadas comunitariamente; já o olhar individualizado, que associa diversos marcadores para um mesmo indivíduo (inclusive os indicativos de doença e estresse), tem potencial para revelar variações individuais da aplicação dessas técnicas e a consequência disso sobre a história de vida de indivíduos específicos.

O período da infância é igualmente propício para desvelar técnicas corporais associadas a aspectos simbólicos articulados a partir de um eixo etário, e os contextos

funerários são fontes ricas para estudo. Como já mencionado, o esqueleto infantil, por estar em formação, permite uma estimativa acurada da idade, necessitando para isso que tenha sido meticulosamente escavado e coletado, garantindo a presença de todas as estruturas ósseas (SOUZA e RODRIGUES-CARVALHO, 2013). Isso abre a possibilidade de investigar a existências de técnicas corporais associadas a períodos etários específicos; e no Brasil algumas pesquisas já têm adotado essa perspectiva, como a conduzida por Sene (2018) com o sítio Gruta do Gentio II (MG). A autora relata a presença de várias crianças, mas uma em particular chama-lhe a atenção pelo tratamento diferenciado que recebeu em comparação às demais. Trata-se de uma criança de 9 anos de idade, parcialmente mumificada, ricamente ornamentada com diferentes tipos de sementes e dentes de animais, envolta em uma esteira ou rede cujos fragmentos também estavam presentes, e tendo sobre o tórax um arco em madeira ainda encordoado em uma das extremidades; além disso, na cova foram colocados vários tipos de vegetais e pigmento amarelo (SENE, 2018). Para a autora, o tratamento funerário dispensado a essa criança consubstanciaria em seu corpo morto a construção de gênero que começava ainda na infância e talvez marcasse essa fase da vida em que o indivíduo chegava no limiar púbere, seu rito de passagem teria sido transportado para o ritual funerário em sua morte (SENE, 2018).

TÉCNICAS CORPORAIS E DESTREZA

Para Mauss (2003 [1934]), algumas técnicas corporais podem ser entendidas em termos de seu rendimento na execução de determinadas atividades ou movimentos, envolvendo o treinamento do corpo para realizar algo com destreza (MAUSS, 2003 [1934]). Aqui estamos no domínio do corpo como instrumento técnico, dotado de movimentos aprendidos e treinados e resultado de suas representações (LEVI-STRAUSS, 2018). A repetição e o treino necessários para a realização, com destreza, de técnicas corporais traduzidas em atividades e movimentos exatos marcam o corpo com alterações ósseas resultantes da sua resposta aos estímulos decorrentes das solicitações biomecânicas ocasionadas pela atividade física.

O uso de calçados, corriqueiro na sociedade ocidental contemporânea, é um exemplo que pode remeter a aspectos relacionados ao domínio de uma técnica corporal específica. O calçado gera uma nova forma de comportamento corporal a partir de um movimento alterado do andar ou correr mediado pelo objeto que "veste" o pé; caminhar calçado é biomecanicamente distinto de caminhar descalço (NYSKA *et al*., 1995; TRINKAUS, 2005; BURNFIELD *et al*., 2004; KADAMBANDE *et al*., 2006; ZIPFEL e BERGER, 2007; D'AOÛT *et al*., 2009). A alteração dos eixos de forças da biomecânica do andar calçado acaba por levar a transformações nas falanges e metatarsos, que podem ser observadas na análise do esqueleto humano, permitindo assim inferir o uso de calçados por grupos pretéritos. A partir de um método que desenvolveu para entender essas alterações, Erik Trinkaus foi capaz de inferir o uso de calçados em séries esqueléticas humanas do Paleolítico na Eurásia, evidenciando inclusive que, em um dos sítios estudados por ele na China (Tianyuan, ~40.000 cal. AP), esse uso era mais antigo que em outros sítios (TRINKAUS, 2005; TRINKAUS e SHANG, 2008). Seus resultados demonstraram o uso frequente de calçados no Paleolítico Superior, em comparação ao uso raro no Paleolítico Médio, por indivíduos neandertais (TRINKAUS, 2005; TRINKAUS e SHANG, 2008). Do que temos conhecimento, esse método ainda não foi aplicado em coleções arqueológicas brasileiras, mas representa bem os potenciais investigativos da abordagem biomecânica.

As alterações deixadas no esqueleto pelo uso do corpo como um instrumento técnico que precisa atuar com destreza na realização das tarefas do cotidiano, sob

determinadas circunstâncias, podem ser lidas como *proxies* que permitem não apenas entender as atividades realizadas nos termos dos movimentos e da força necessários para sua realização, mas também permitem inferir o manejo de artefatos construídos em tecnologias perecíveis e raramente encontrados no registro arqueológico.

No Brasil os estudos que assumem essa premissa e que se dedicam a entender marcadores de estresse ocupacional têm obtido resultados interessantes para grupos de pescadores-coletores do litoral sul-sudeste. É pertinente destacar que essas lesões laborais, comuns em indivíduos de sítios costeiros do Brasil, não são em geral lesões debilitantes e nem sempre caracterizam um estado patológico do indivíduo, mas resultam de uma adaptação corporal à atividade exercida (SOUZA, 1995; STABILE, 2017). Por exemplo, uma série de estudos realizados com duas séries esqueléticas de sambaquis do litoral do RJ, Ilhote do Leste e Zé Espinho, desvelam cenários distintos em termos de solicitações cotidianas do corpo como instrumento técnico (RODRIGUES-CARVALHO, 2004; LESSA e COELHO, 2010; LESSA e RODRIGUES-CARVALHO, 2015). Em Ilhote do Leste, sítio localizado na Ilha Grande, em face a uma praia de tombo em mar aberto e batido, as pesquisas identificaram frequências altíssimas de lesões na coluna lombar (nódulos de Schmorl e espondilólises), além de frequências altas de marcador de estresse ocupacional (artroses) notadamente para os braços e afetando punhos, cotovelos e ombros com lesões graves. No sambaqui Zé Espinho, localizado nas imediações da Baía de Sepetiba, na planície de maré de Guaratiba, em área de águas fechadas e tranquilas, as frequências dos mesmos marcadores (nódulos de Schmorl, espondilólises e artroses) foram muito mais baixas, e, embora punhos e cotovelos apresentassem alguns casos de artrose mais graves, os ombros apresentaram apenas casos leves ou moderados (RODRIGUES-CARVALHO, 2004; LESSA e COELHO, 2010; LESSA e RODRIGUES-CARVALHO, 2015).

Em conjunto, os achados permitiram aos autores propor um quadro de atividades que envolvia grande esforço físico para o grupo de Ilhote do Leste, incluindo o deslocamento náutico em mar frequentemente encapelado, em canoas as quais remavam sentados, além do transporte de cargas pesadas e atividades de polimento, o que encontra respaldo contextual na grande quantidade de oficinas líticas presentes na ilha. Já em Zé Espinho as solicitações do corpo para a lida do dia-a-dia eram muito mais amenas. Esse grupo se inseria em um ambiente estuarino com rico manguezal que exploraram intensamente, como atestam as espécies de animais recuperadas no registro arqueológico, do qual são praticamente ausentes espécies de mar aberto. Seus corpos sinalizam um cotidiano com menor solicitação física, que pode ter envolvido alguma navegação em águas tranquilas e caminhadas para aprovisionamento de recursos no estuário e no mangue (LESSA e RODRIGUES-CARVALHO, 2015).

TÉCNICAS CORPORAIS DO CUIDADO

O cuidado do grupo para com indivíduos que apresentam condições que exigem certa assistência é refletido no ambiente sociocultural e político da comunidade; e a bioarqueologia pode identificar evidências desses cuidados através dos remanescentes humanos, especialmente através das deformações ósseas e patologias (TILLEY, 2012). A "Bioarqueologia do Cuidado" entende o cuidado para com o outro como o ato de assistir alguém que apresenta condições físicas que, sem a ação dos cuidadores, seriam incompatíveis com a sobrevivência até a idade alcançada no momento de sua morte (TILLEY, 2012).

Existem já alguns casos descritos na literatura arqueológica brasileira que sugerem essa ação do cuidado. Na Lapa do Boquete (norte de MG) foi identificado um indivíduo do sexo masculino, entre 35 e 40 anos à morte, que apresentava uma associação de

alterações indicativas de patologias crônicas e agudas (SIANTO, 2004; SOUZA *et al*., 2009). O estudo paleopatológico indicou a presença de uma grande massa de fezes dessecadas (coprólito) em localização pélvica compatível com a porção colorretal do intestino, sugerindo que esse indivíduo sofresse de megacólon, um aumento do intestino grosso que pode levar à redução ou perda de sua função, impedindo que a pessoa elimine as fezes (SOUZA *et al*., 2009). Essa condição é uma complicação possível, embora não tão comum, de Doença de Chagas instalada há alguns anos e as análises de aDNA realizadas confirmaram a infecção pelo *Tripanosoma cruzi* (SOUZA *et al*., 2009). Os mesmos autores relatam que o indivíduo apresentava também extensas cáries dentárias com infecção alveolar e fístulas de drenagem abertas no osso e na pele e ativas no momento da morte. Esse indivíduo também apresentava uma infecção parasitária aguda por *Echinostoma sp.* com presença de grande quantidade de ovos desse parasito, causador da doença equinostomíase, comumente assintomática, mas que pode ocasionar cólicas intestinais intensas, e em geral adquirida pelo consumo de peixe ou molusco mal cozidos ou crus (SIANTO, 2004).

O quadro que se abre a partir desse conjunto de achados, como colocado por Souza *et al.* (2009), permite entrever um indivíduo que passou alguns anos sofrendo com desconforto digestivo e que provavelmente por alguns meses antes de sua morte teve náuseas, vômitos e a crescente dificuldade de evacuar o intestino, além de cólicas resultantes da equinostomíase. O quadro de lesões dentárias também indica dor e desconforto, o que é reforçado pelo acúmulo diferencial de cálculo dentário do mesmo lado, indicando pouca mastigação. Ainda que o acesso à percepção individual da dor e do desconforto nos seja vedado, é razoável estimar, como fazem Souza *et al.* (2009), que a associação de todos esses aspectos tenha levado a uma piora geral da condição nutricional e de saúde desse indivíduo e que a severidade da doença crônica, assim como dos processos infecto-parasitários pressupõe em si um certo grau de cuidados paliativos que amenizassem o desconforto, principalmente se temos em conta o diversificado conhecimento tradicional dos povos indígenas quanto ao uso medicinal de plantas, cuja evidência arqueológica também tem sido relatada em contextos brasileiros (CHAVES e REINHARD, 2006; TEIXEIRA-SANTOS *et al*., 2015). Embora cautelosamente, podemos inferir que técnicas corporais de cuidados existiam nessa comunidade, ainda que não possamos apontar quais especificamente.

Além disso, embora a ocorrência endêmica da Doença de Chagas nesses grupos não possa ser postulada, a presença de vários indivíduos infectados pelo *Tripanosoma cruzi*, documentada por estudos de aDNA, no entender de Souza *et al.* (2009) pode ser considerada como um reflexo de hábitos e tarefas que envolviam a manipulação recorrente de vetores e hospedeiros desse parasito, ou, sob a perspectiva que propomos neste artigo, como um reflexo da existência de técnicas corporais específicas para lidar com a obtenção, manipulação e armazenamento de materiais animais e vegetais que expunham os indivíduos à infecção.

Outro caso sugestivo de técnicas corporais relacionadas ao cuidado vem de um contexto arqueológico totalmente diverso. No sítio arqueológico Içara (litoral de SC), foi identificado um indivíduo do sexo masculino, com idade entre 35 e 49 anos à morte, e portador de má formação congênita grave da porção proximal (cabeça) do fêmur direito, que resultou no comprometimento da função da articulação coxofemoral (quadril-fêmur) e no encurtamento grave deste membro em relação ao lado esquerdo, que teve desenvolvimento normal (IZIDRO, 2001). Essa atrofia específica na coxa e no quadril, presente no nascimento, agrava-se com o crescimento e altera a capacidade de locomoção do indivíduo desde a infância. Algumas alterações ósseas presentes no braço e mão do lado oposto ao da atrofia sugerem que esse indivíduo utilizou por anos algum acessório

que o auxiliava na locomoção, como muletas (DIGIUSTO e WESOLOWSKI, 2019). Essa má formação grave é incompatível com o exercício regular e eficaz de atividades como correr ou empreender longas caminhadas, o que sugere que esse indivíduo não podia realizar ações físicas necessárias à caça ou longos deslocamentos a pé.

Em conjunto, o esqueleto desse indivíduo permite que vislumbremos, por um lado, a efetividade de um cuidado social que permitiu que ele sobrevivesse até uma idade relativamente avançada sem sinais de comprometimento de saúde que o distinguisse, para além de sua má-formação congênita, dos demais membros do grupo (DIGIUSTO e WESOLOWSKI, 2019); e por outro, que seu corpo moldou-se na imbricação com artefatos de suporte de uso cotidiano, muito provavelmente confeccionados em materiais perecíveis como madeira, permitindo que inferíssemos que existiram, mesmo que não tenham se conservado no registro arqueológico.

TRANSMISSÃO DAS TÉCNICAS CORPORAIS

Dos aspectos presentes na discussão de Mauss (2003 [1934]) sobre técnicas corporais, talvez o mais desafiador de ser abordado a partir de remanescentes humanos é o relativo ao processo de transmissão das formas de técnicas corporais. Isso porque a essência desse aspecto está em compreender a forma como uma técnica corporal é transmitida de um indivíduo a outro em uma sociedade e não na técnica em si, que na prática cotidiana acaba "inscrita" no corpo. Aqui o que interessa é sobretudo a técnica corporal que por sua complexidade é transmitida por processos ativos de ensino-aprendizado e não apenas a partir da imitação (MAUSS, 2003 [1934]), e como podemos através de um corpo presente no registro arqueológico acessar esse processo de transmissão, ainda que parcialmente.

Tratando-se de um comportamento compartilhado por vários indivíduos ao longo do tempo, a própria persistência temporal de uma determinada técnica corporal complexa sugere a existência de uma forma sistematizada de transferência transgeracional do conhecimento necessário à sua prática. Em contextos para os quais possuímos dados etnográficos ou relatos históricos, algumas das dificuldades podem ser parcialmente mitigadas, uma vez que é possível associar de forma mais segura a técnica em si e a forma como ela é transmitida.

As diversas técnicas de alteração intencional do corpo, que em geral também nos permitem inferir sobre a destreza necessária para que sejam realizadas, são especialmente interessantes para refletir sobre seu processo de transmissão. Essas modificações são praticadas por muitas sociedades pretéritas e contemporâneas, incluindo a nossa – afinal uma cirurgia plástica para alteração da forma do nariz ou da mandíbula é uma técnica de modificação do corpo, que por sinal deixa um registro claro no esqueleto que poderá ser recuperado em contexto arqueológico. Em geral, tais alterações do corpo envolvem uma sequência estruturada de múltiplas ações que operam conhecimentos teóricos e práticos, e é nesse sentido que nos referiremos a elas como complexas, cujo domínio supõe um sistema de transmissão baseado em ensino-aprendizado. Ao encarar esse tipo de técnica corporal a partir dessa perspectiva, abre-se espaço para pensar a construção e transmissão dos sistemas de conhecimento, as relações entre quem ensina e quem aprende, o lugar social de quem as domina e de quem tem a autoridade para praticá-las.

No conjunto de técnicas corporais que tratam o corpo em si como um objeto cultural intencionalmente transformado e construído, se inserem, entre outras, as modificações cranianas que, para que fossem bem-sucedidas, dependiam da transmissão exata, de uma geração à outra, dos procedimentos necessários à sua realização, o que apenas um processo intencionalmente conduzido poderia dar conta.

Apesar de frequentemente documentadas em outros locais da América do Sul como a região Andina (TORRES-ROUFF e YABLONSKY, 2005), o estudo de modificações cranianas no Brasil ainda é incipiente, uma vez que, apesar de existente, são poucos os grupos conhecidos que teriam essa pratica no território, entre os quais contam-se os povos Karitianas e Cambebas (conhecidos pelos cronistas como supostos omáguas) do Alto Solimões (SOUZA, 1994; RAMINELLI, 2001). Para o caso dos Karitianas, sugere-se o uso de faixas para pressionar o entorno do crânio durante o desenvolvimento do indivíduo, dado o padrão anular de variedade oblíqua observado (SOUZA, 1994; RAMINELLI, 2001). Um dos raros casos mencionados em contexto arqueológico refere-se a dois crânios, intencionalmente modificados na região occipital, escavados na Ilha de Marajó (ROOSEVELT, 1991 *apud* SOUZA, 1994).

A forma de aplicar as forças necessárias a modelar o crânio, a intensidade de aplicação e as fases da vida em que devem ser aplicadas são conhecimentos que envolvem muitos elementos teóricos e práticos que, se não estão plenamente dominados pelo praticante, podem facilmente conduzir a desfechos indesejáveis (SOUZA, REINHARD e LESSA, 2008). Assim, a multiplicidade de elementos a serem dominados faz supor a existência de um modelo de transmissão que implica uma relação entre alguém que já-sabe-ensina e alguém que aprende-para-saber.

As modificações dentárias intencionais são outro exemplo de técnicas corporais que podem trazer para a reflexão os processos de transmissão envolvidos. Assim como as modificações cranianas, estas são modificações cujo objeto material em si é o corpo. A aposição de sulcos, linhas, furos, incrustações e a retirada de ângulos dos dentes, longe de serem eventos fortuitos, constituem a incorporação intencional de identidades sociais, étnicas, familiares, comunitárias (LÍRYO *et al*., 2001)

No cenário arqueológico brasileiro, destaca-se o trabalho de Lyrio e colaboradores (2011) com remanescentes humanos escavados nos contextos históricos dos cemitérios da Sé de Salvador (BA) e Pretos Novos (RJ), sendo que em ambos os casos, a análise das modificações associada à revisão de documentos históricos permitiu que se confirmasse uma origem africana para os indivíduos sepultados, ainda que a associação às etnias específicas não tenha sido possível (LIRYO, SOUZA e COOK, 2011). Essa origem africana foi corroborada pelos resultados das análises de isótopos estáveis de estrôncio conduzidas mais tarde nesse mesmo material (BASTOS *et al.,* 2016)

Os autores constatam que, em ambos os cemitérios, foram encontrados dentes incisivos modificados de formas variadas, as quais, quando vistas no conjunto de dentes articulados, davam origem a uma série de distintos padrões elaborados. A Sé de Salvador se destacou pela presença, entre sepultamentos provavelmente anteriores ao século XVIII, de retirada dos dois ângulos incisais, dando aos dentes incisivos uma forma pontiaguda característica, a qual é documentada mais tarde entre brasileiros e referido como "dentes de piranha".

As técnicas utilizadas para a realização das modificações puderam ser reconstituídas pela observação ao microscópio das marcas deixadas e incluíram cinzelamento progressivo, retirando pequenas porções, e polimento. As modificações foram feitas em várias etapas e com cuidadoso acabamento, o que levou os autores a argumentarem pela evidência de uma ação especializada do artesão (LIRYO, SOUZA e COOK, 2011), que em nosso entender precisaria domínio técnico para realizar a modificação controlada sem provocar a quebra do dente ou afetar sua saúde. Este configura um outro bom exemplo de como podemos inferir processos intencionais de transmissão de conhecimento e prática controlada. Os sinais técnicos inscritos nos dentes também permitiram vislumbrar os artefatos utilizados para a confecção e que não estavam presentes nos cemitérios, entre eles cinzéis, martelos e limas (LIRYO, SOUZA e COOK, 2011).

O trabalho de Liryo e colaboradores (2011) traz ainda outra contribuição para a reflexão sobre a transmissão do conhecimento das técnicas corporais. Apesar de modificações dentárias nunca terem sido documentadas entre populações pré-coloniais brasileiras, elas estiveram presentes entre indígenas Tenetehara-Guajajara, na forma de "dentes de piranha", desde o século XIX e até meados do século XX. Os autores sugerem que o contato com africanos, escravizados em fuga ou libertos, em particular mulheres trazidas para viver com o grupo, estaria na origem da prática nesse grupo indígena, tendo em conta também a existência de ocupações quilombolas no interior do Maranhão (LIRYO, SOUZA e COOK, 2011). A possibilidade foi corroborada por pesquisas de aDNA mitocondrial que documentaram a presença de indivíduos com haplogrupo L, indicando que, em algum ponto de sua linhagem materna, esteve uma mulher africana (LEITE *et al*., 2014; GUEDES *et al*., 2018).

Do ponto de vista das técnicas corporais e de sua transmissão, o interessante é que apenas a forma obtida pela retirada de ambos os ângulos incisais (que leva ao padrão nomeado "dentes de piranha") foi mantida e nenhum outro padrão foi documentado entre os Tenetehara-Guajajara, e também que os sinais técnicos observados indicam uma simplificação na técnica que passou de cinzelamento progressivo/polimento para uma única retirada por golpe brusco, devendo implicar igualmente a alteração do instrumental utilizado (LIRYO, SOUZA e COOK, 2011). Isso nos sugere algumas possibilidades em termos dos processos de transmissão dessa técnica: os indivíduos responsáveis pela introdução do hábito apresentavam uma vinculação específica com essa forma de modificação dentária, ou não possuíam o treinamento necessário para realizarem modificações mais complicadas, ou ainda que essa foi a forma escolhida como de preferência pelos Tenetehara-Guajajara que a incorporaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de catalogar exaustivamente técnicas corporais inferidas pela análise de remanescentes humanos, buscou-se aqui refletir sobre como o corpo humano, sendo que ele mesmo uma materialidade construída na imbricação de elementos culturais e naturais, pode ser interpretado muito além dos seus atributos biológicos. Por se constituir nessa articulação de elementos biológicos, sociais e culturais, o corpo torna-se vetor de compreensão de outras tecnologias perecíveis, pois várias alterações impressas em seus ossos só podem ser entendidas quando consideramos o esforço e a interação do corpo em relação a outro objeto. Essa é a abordagem cotidianamente aplicada pela bioarqueologia, e aqui tentamos ressaltá-lo recorrendo a uma narrativa mais apoiada pela perspectiva das Técnicas Corporais, tentando assim aproximar o nosso ponto de vista daquele constituído na Antropologia.

Muitas outras técnicas corporais e tecnologias perecíveis, além das que foram aqui mencionadas, podem ser exploradas sob essa perspectiva bioarqueológica, cabendo ao investigador reconhecer o contexto que se dispõe a tratar e o tipo de material à sua disposição. Em um ambiente tropical de baixa preservação de materiais perecíveis, os remanescentes de corpos humanos tornam-se assim um meio especial de acesso a esse universo de coisas invisíveis (ou pouco visíveis) e seu estudo contribui para uma visão mais holística das comunidades pretéritas, a exemplo do que outras abordagens arqueológicas e etnoarqueológicas vêm ressaltando (HURCOMBE, 2014; RODRIGUES, 2020). Curiosamente, existe também o inverso, e o universo de materiais perecíveis pode auxiliar também na compreensão do perfil biológico daqueles que os construíram. Por exemplo, já foi possível extrair DNA mitocondrial de artefatos perecíveis feitos por grupos do Sudoeste Americano (LEBLANC *et al*., 2007).

É necessário, no entanto, reiterar que existem limitações a essa abordagem e à reconstrução de atividades e técnicas corporais específicas através de remanescentes humanos, em particular esqueléticos. Uma delas, intrínseca à natureza dos ossos, diz respeito à forma pouco específica como respondem aos estímulos, fazendo com que estímulos diferentes muitas vezes resultem em sinais ósseos muito semelhantes, o que se complica pela inexistência de modelos clínicos sobre o processo de remodelação óssea (JURMAIN *et al*., 2011). No entanto a mais evidente, e há muito apontada por arqueólogos que se dedicam à bioarqueologia, é o despreparo das equipes em geral para lidar com o encontro de remanescentes humanos em campo e para curá-los adequadamente nas instituições de guarda (SOUZA e RODRIGUES-CARVALHO, 2013). Sepultamentos, e os esqueletos neles, são estruturas complexas que não podem ser adequadamente abordadas sem o domínio de certos conhecimentos e técnicas (de escavação, registro, interpretação, etc.) bastante especializados.

Sem desconsiderar os elementos ambientais que impactam sobremaneira a preservação dos remanescentes humanos numa região tropical como a do Brasil, comprometendo em particular, mas não apenas, os remanescentes infantis, a falha na localização, evidenciação, interpretação e cura de sepultamentos e esqueletos está na raiz da formação de coleções osteológicas pouco contextualizadas, com sub-representação de indivíduos infantis (principalmente os menores de 2 anos) e fragmentação ou perda de estruturas ósseas menores e mais frágeis e de superfícies articulares, fundamentais para estimativas de idade e sexo e para análises a partir da abordagem que exemplificamos neste artigo. Como exceções que de certo modo referendam essa regra destacam-se, por exemplo, coleções como Corondó e Gruta do Gentio (Instituto de Arqueologia Brasileira), Zé Espinho e Môa (Museu Nacional); Cubatão I (Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville), Piaçaguera e Tenório (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo) e Lapa do Santo (Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo), que têm em comum terem sido escavadas e curadas por equipes multidisciplinares que incluíam arqueólogos especializados em bioarqueologia e, não por acaso, são recorrentemente utilizadas em estudos bioarqueológicos.

Por sinal, as abordagens multidisciplinares têm se mostrado as mais profícuas para a produção de conhecimentos que, partindo dos remanescentes humanos, atingem elementos da vida cotidiana, do comportamento simbólico, dos arranjos sociais (aí incluídos sexo, status, distinções etárias, etc.), do cuidado, como sinalizam alguns dos exemplos que elencamos neste artigo. Uma perspectiva multidisciplinar, que integre conhecimentos a partir de diferentes especialidades e abordagens dos remanescentes humanos e dos contextos dos achados, possibilita exatamente esse olhar mais holístico sobre o passado que já mencionamos, seja na escala do grupo seja na do indivíduo; e tem sido essa multidisciplinaridade que a abordagem biocultural aplicada pela bioarqueologia tem valorizado.

Aqui reconhecemos, como bioarqueólogas(os), que nem sempre comunicamos com clareza para nossos pares, colegas arqueólogas(os) atuantes em outras especialidades e a partir de outras perspectivas teórico-metodológicas, aquilo que fazemos. Pela necessidade de usar uma linguagem com mais afinidade às ciências biológicas e médicas para descrever aquilo que observamos, criamos um discurso que por vezes não deixa explícito os elementos sociais e culturais que são o foco do nosso interesse e do conhecimento que produzimos. Assim, este artigo é um esforço que empreendemos para tornar nossa narrativa mais clara e compartilhar o potencial informativo daquilo que fazemos, salientando que o conhecimento que produzimos, ainda que seja feito a partir de remanescentes humanos, não é apenas sobre eles, mas também sobre os comportamentos sociais dos grupos humanos nos quais esses indivíduos se inseriam.

AGRADECIMENTOS

Todos os autores contribuíram de forma igual para a realização deste manuscrito, e declaram não haver conflitos de interesse. Daniel Fidalgo é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo n. 2017/20637-4). Marina Di Giusto é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Igor Rodrigues é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (Processo n. 2017/13343-4). Beatriz Aceto é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGARWAL, Sabrina C.; WESP, Julie K. *Exploring Sex and Gender in Bioarchaeology*. [s.l.] University of New Mexico Press, 2017.

BARNETT, Cyril H. Squatting Facets on the European Talus. *Journal of Anatomy*, v. 88, n. 4, p. 509–513, 1954.

BASTOS, Murilo. Q.R.; SANTOS, Ricardo V.; SOUZA, Sheila Mendonça de; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; TYKOT, Robert H.; COOK, Della C.; SANTOS, Roberto V. Isotopic study of geographic origins and diet of enslaved Africans buried in two Brazilian cemeteries. *Journal of Archaeological Science*, v. 70, p. 82–90, 2016.

BOULLE, Eve-Line. Evolution of Two Human Skeletal Markers of the Squatting Position: A Diachronic Study from Antiquity to the Modern Age. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 115, n. 1, p. 50–56, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *The Logic of Practice*. 1. ed. Cambridge: Polity Press, 1990.

BUIKSTRA, Jane E.; BECK, Lane A. *Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains*. [s.l.] Routledge, 2009.

BUIKSTRA, Jane E.; UBELAKER, Douglas H. *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Report Number 44, 1994.

BURNFIELD, Judith M.; FEW, Courtney D.; MOHAMED, Olfat S.; PERRY, Jacquelin. The influence of walking speed and footwear on plantar pressures in older adults. *Clinical Biomechanics*, v. 19, n. 1, p. 78–84, 2004.

CHAVES, Sérgio Augusto de Miranda; REINHARD, Karl J. Critical analysis of coprolite evidence of medicinal plant use, Piauí, Brazil. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, v. 237, n. 1, p. 110–118, 2006.

D'AOÛT, Kristiaan; PATAKY, Todd C.; DE CLERCQ, Dirk; AERTS, Peter. The effects of habitual footwear use: foot shape and function in native barefoot walkers. *Footwear Science*, v. 1, n. 2, p. 81–94, 2009.

DIGIUSTO, Marina Nogueira. *Os sambaquieiros e os Outros: Estresse e Estilos de Vida na Perspectiva da Longa Duração - O caso do Litoral Sul de Santa Catarina*. 2017. University of São Paulo, 2017.

DIGIUSTO, Marina Nogueira; WESOLOWSKI, Veronica. Novas Inferências sobre o Sítio Arqueológico Içara-01 a partir da Análise dos Remanescentes Humanos. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 16, n. 31, p. 33–52, 2019.

DLAMINI, Nonhlanhla; MORRIS, Alan G. An investigation of the frequency of squatting facets in Later Stone Age foragers from South Africa. *International Journal of Osteoarchaeology*, v. 15, n. 5, p. 371–376, 2005.

ESCÓRCIO, Eliana; GASPAR, Maria Dulce. Indicadores de diferenciação social e de gênero dos pescadores-coletores que ocuparam a Região dos Lagos - RJ. *Cadernos do LEPAARQ. Textos de Antropologia, Arqueologia e Etnologia*, v. 3, p. 47–65, 2005.

FERREIRA, Maria Teresa dos Santos. *Para lá da morte: Estudo tafonómico da decomposição cadavérica e da degradação óssea e implicações na estimativa do intervalo pós-morte*. 2012. Universidade de Coimbra, 2012.

FISCHER, Patricia Fernanda. *Os moleques do morro e os moleques da praia: estresse e mortalidade em um sambaqui fluvial (Moraes, vale do Ribeira do Iguape, SP) e um litorâneo (Piaçaguera, Baixada Santista, SP).* Universidade de São Paulo, 2012.

FISK, Catherine M.; CROZIER, Sarah R.; INSKIP, Hazel M.; GODFREY, Keith M.; COOPER, Cyrus; ROBERTS, Graham C.; ROBINSON, Sian M.; SOUTHAMPTON WOMEN'S SURVEY GROUP. Breastfeeding and Reported Morbidity during Infancy: Findings from the Southampton Women's Survey. *Maternal & Child Nutrition*, v. 7, n. 1, p. 61–70, 2011.

GELLER, Pamela L. Conceiving sex: Fomenting a feminist bioarchaeology. *Journal of Social Archaeology*, v. 8, n. 1, p. 113–138, 2008.

GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. 3. ed. Preópolis: Editora Vozes, 2011.

GOODMAN, Alan H.; ARMELAGOS, George J.; ROSE, Jerome C. Enamel Hypoplasias as Indicators of Stress in Three Prehistoric Populations from Illinois. *Human Biology*, v. 52, n. 3, p. 515–528, 1980.

GOWLAND, Rebecca; HALCROW, Siân. *The mother-infant nexus in anthropology: small beginnings, significant outcomes*. [s.l.] Springer, 2019.

GUEDES, Lucélia; JAEGER, Lauren Hubert; LIRYIO, Andersen; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; SOUZA, Sheila Mendonça de; IÑIGUEZ, Alena Mayo. Tuberculosis in post-contact Native Americans of Brazil: Paleopathological and paleogenetic evidence from the Tenetehara-Guajajara. *PLOS ONE*, v.13, n. 9, e0202394, 2018.

HURCOMBE, Linda M. *Perishable Material Culture in Prehistory: Investigating the missing majority*. London/New York: Routledge, 2014.

IZIDRO, Juliane Maria. *O Jazigo Funerário de Içara no Contexto Litorâneo Catarinense*. 2001. Universidade do Vale do Rio dos Sino, 2001.

JOLIE, Edward A.; WEBSTER, Laurie D. Perishable Technologies. In MILLS, B; FOWLES, S. (Ed.) *The Oxford Handbook of Southwest Archaeology*. Oxford University Press, 2017.

KADAMBANDE, Sujit; KHURANA, Ashish; DEBNATH, Ujjwal Kanti; BANSAL, M.; HARIHARAN, Kartik. Comparative anthropometric analysis of shod and unshod feet. *The Foot*, v. 16, p. 188–191, 2006.

KENNEDY, Gail E. From the ape's dilemma to the weanling's dilemma: early weaning and its evolutionary context. *Journal of Human Evolution*, v. 48, n. 2, p. 123–145, 2005.

KING, Charlotte L.; HALCROW, Siân E.; MILLARD, Andrew R.; GROCKE, Darren R.; STANDEN, Vivien G.; PORTILLA, Marco; ARRIAZA, Bernardo T. Let's talk about stress,

baby! Infant-feeding practices and stress in the ancient Atacama desert, Northern Chile. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 166, n. 1, p. 139–155, 2018.

LARSEN, Clark Spencer. Bioarchaeological Interpretations of Subsistence Economy and Behavior from Human Skeletal Remains. In: SCHIFFER, M. (Ed.). *Advances in Archaeological Method and Theory*. San Diego: Academic Press, 1987. p. 339–445.

LEBLANC, Steven A; COBB KREISMAN, Lori S.; KEMP, Brian M.; SMILEY, Francis E.; CARLYLE, Shawn W.; DHODY, Anna N.; BENJAMIN, Thomas. Quids and Aprons: Ancient DNA from Artifacts from the American Southwest. *Journal of Field Archaeology*, v. 32, n. 2, p. 161–175, 2007.

LEITE, Daniela; LEITÃO, Alysson; SCHAAN, Ana Paula; MARINHO, Anderson N.R; SOUZA, Sheila Mendonça de.;RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; CARDOSO, Francisca; RIBEIRO-DOS-SANTOS, Ândrea. Paleogenetic Studies in Guajajara Skeletal Remains, Maranhão State, Brazil. *Journal of Anthropology*, v. 14, p. 1-8, 2014.

LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra: I- Técnica e Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1964.

LESSA, Andrea. Daily risks: A biocultural approach to acute trauma in pre-colonial coastal populations from Brazil. *International Journal of Osteoarchaeology*, v. 21, n. 2, p. 159–172, 2011.

LESSA, Andrea. Do Pó Viemos e ao Pó Retornaremos: Pontuando Reflexões sobre Preservação de Remanescentes Esqueléticos Arqueológicos Humanos. In: CAMPOS, G. DO N.; GRANATO, M. (Ed.). *Preservação do Patrimônio Arqueológico: Desafios e Estudos de Caso*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017.

LESSA, Andrea; COELHO, Izaura S. Lesões vertebrais e estilos de vida diferenciados em dois grupos sambaquieiros do litoral Fluminense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 0, n. 20 SE-, p. 77–89, 2010.

LESSA, Andrea; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. Marcadores de estresse ocupacional, atividades cotidianas, ambiente e escolhas culturais: uma discussão sobre estilos de vida diferenciados em três sambaquis do litoral fluminense. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, v. 10, n. 2, p. 489–507, 2015.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Introdução à obra de Marcel Mauss*: (in *Sociologia e Antropologia*). [s.l.] Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

LIRYO, Andersen; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; SOUZA, Sheila Mendonça de; CARVALHO, Diana Maul. Modificações dentárias na primeira catedral do Brasil, Salvador, Bahia. *Antropologia Portuguesa*, v. 18, p. 119–141, 2001.

LIRYO, Andersen; SOUZA, Sheila Mendonça de; COOK, Della Collins. Dentes intencionalmente modificados e etnicidade em cemitérios do Brasil Colônia e Império. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (São Paulo),* v. 21, p. 315–334, 2011.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Paulo Neves, São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO E ALVIM, Marília Carvalho de; UCHÔA, Dorath Pinto. Efeitos do hábito de cócoras no tálus e na tíbia de indígenas pré-históricos e de um grupo atual do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (São Paulo),* v. 3, p. 35–53, 1993.

NYSKA, Meir; MCCABE, Chris; LINGE, Keith; LAING, Patrick; KLENERMAN, Leslie Klenerman. Effect of the shoe on plantar foot pressures. *Acta Orthopaedica Scandinavica*, v. 66, n. 1, p. 53–56, 1995.

PEZO-LANFRANCO, Luis; DEBLASIS, Paulo.; EGGERS, Sabine. Weaning process and subadult diets in a monumental Brazilian shellmound. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 22, p. 452–469, 2018.

RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionomia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 8, n. (suplemento), p. 969–992, 2001.

RODRIGUES, Igor Morais Mariano. Por uma etnoarqueologia dos trançados ameríndios. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 34, p. 87-110, 2020.

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. *Marcadores de estresse ocupacional em populações sambaquieiras do litoral fluminense*. 2004. Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, 2004.

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; SOUZA, Sheila Mendonça de. Marcadores de Estresse Mecânico-Postural em Populações Sambaquieiras do Estado do Rio de Janeiro. *Habitus*, v. 3, n. 2, p. 241, 2005.

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; SOUZA, Sheila Mendonça de. Uso de adornos labiais pelos construtores do sambaqui de cabeçuda, Santa Catarina, Brasil. *Revista de Arqueologia (São Paulo)*, v. 11, p. 33–46, 1998.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, v. 32, p. 2–19, 1979.

SELLEN, Daniel W.; SMAY, Diana B. Relationship between subsistence and age at weaning in "preindustrial" societies. *Human Nature*, v. 12, n. 1, p. 47–87, 2001.

SENE, Glaucia A.M. A infância do gênero: A visibilidade das crianças na pré-história do norte de Minas Gerais. *Habitus*, v. 16, n. 1, p. 54–74, 2018.

SENE, Glaucia A.M. *Indicadores de gênero na Pré-História brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais*. 2007. Universidade de São Paulo, 2007.

SENE, Glaucia A.M. Pela materialidade dos gêneros: repensando dicotomias, sexualidades e identidades. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 162–175, 2017.

SIANTO, Luciana de Fátima. *Parasitismo por Echinostoma SP (Trematoda: Digenea: Echinostomatidae) em populações pré-colombianas: um estudo de caso*. 2004. Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

SINGH, Inderbir. Squatting Facets on the Talus and Tibia in Indians. *Journal of Anatomy*, v. 93, n. Pt 4, p. 540–550, 1959.

SOUZA, Sheila Mendonça de. Deformação craniana entre índios Karitiana: análise de fotos de arquivo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (série antropologia)*, v. 10, n. 1, p. 43–56, 1994.

SOUZA, Sheila Mendonça de. *Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural*. 1995. Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ, 1995.

SOUZA, Sheila Mendonça de; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, v. 03, p. 551–566, 2013.

SOUZA, Sheila Mendonça de; REINHARD, Karl J.; LESSA, Andrea. Cranial Deformation As the Cause of Death for a Child From the Chillon River Valley, Peru. *Chungará (Arica)*, v. 40, n. 1, p. 41–54, 2008.

SOUZA, Sheila Mendonça de; SIANTO, Luciana; FERNANDES, Alexandre; JANSEN, Ana Maria.; VICENTE, Ana Carolina Paulo; KIPNIS, Renato; FERREIRA, Luiz Fernando; DITTMAR, Katharina; ARAÚJO, Adauto José Gonçalves. Sepultamento IV do sítio arqueológico Lapa do Boquete, MG: patologias ósseas, parasitoses e doença de Chagas. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico UFMG*, v. 19, p. 209–223, 2009.

STABILE, Rafael Amaral. *Ossos do Ofício: análise de marcadores de estresse ocupacional em séries esqueléticas de sambaquis da Baixada Santista - SP*. 2017. University of São Paulo, 2017.

SUBY, Jorge A.; LESSA, Andrea; TESSAROLLO, Bernardo; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. Cortical Cross Sectional Geometry of Tibia from a Skeletal Series of Natives from Brazil. *International Journal of South American Archaeology*, v. 9, p. 42–48, 2011.

TEIXEIRA-SANTOS, Isabel; SIANTO, Luciana; ARAÚJO, José Gonçalves; REINHARD, Karl J.; CHAVES, Sérgio Augusto de Miranda. The evidence of medicinal plants in human sediments from Furna do Estrago prehistoric site, Pernambuco State, Brazil. *Quaternary International*, v. 377, p. 112–117, 2015.

TESSONE, Augusto; GURAIEB, Solana García; GOÑI, Rafael A.; PANARELLO, Héctor O. Isotopic evidence of weaning in hunter-gatherers from the late holocene in Lake Salitroso, Patagonia, Argentina. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 158, n. 1, p. 105–115, 2015.

TILLEY, Lorna. The Bioarchaeology of Care. *The SAA archaeological record: New Directions in Bioarchaeology. Part II*, v. 12, p. 39–41, 2012.

TORRES-ROUFF, Christina; YABLONSKY, Leonid T. Cranial vault modification as a cultural artifact: a comparison of the Eurasian steppes and the Andes. *HOMO*, v. 56, n. 1, p. 1–16, 2005.

TRINKAUS, Erik. Anatomical evidence for the antiquity of human footwear use. *Journal of Archaeological Science*, v. 32, n. 10, p. 1515–1526, 2005.

TRINKAUS, Erik.; SHANG, Hong. Anatomical evidence for the antiquity of human footwear: Tianyuan and Sunghir. *Journal of Archaeological Science*, v. 35, n. 7, p. 1928–1933, 2008.

UBELAKER, Douglas. H. Skeletal Evidence for Kneeling in Prehistoric Ecuador. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 51, n. 4, p. 679–686, 1979.

WALKER, Phillip L.; COOK, Della Collins. Brief Communication: Gender and Sex: Vive La Difference. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 106, n. 2, p. 255–259, 1998.

WASHBURN, Sherwood Larned. The New Physical Anthropology. *Transactions of the New York Academy of Sciences*, v. 13, n. 7 Series II, p. 298–304, 1951.

WEBSTER, Laurie D.; DROOKER, Penelope B. Archaeological textile research in the Americas. In: DROOKER, Penelope B.; WEBSTER, Laurie D. (Ed.). *Beyond Cloth and Cordage: Archaeological Textile Research in the Americas*. 1. ed. Salt Lake City: The University of Utah Press, p. 1–24, 2000.

WEISS-KREJCI, Estella. The Formation of Mortuary Deposits: Implications for Understanding Mortuary Behavior of Past Populations. In AGARWAL, S.C; Glencross, B.A.(Ed.). *Social Bioarchaeology*. Blackwell Publishing Ltd, 68-106, 2011.

WESOLOWSKI, Veronica. *A prática da horticultura entre os construtores de sambaquis e acampamentos litorâneos da região da Baía de São Francisco, Santa Catarina: uma abordagem bio-antropológica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

WICHERS, Camila A. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 35–50, 2017.

ZIPFEL, Bernhard.; BERGER, Lee Rogers. Shod versus unshod: The emergence of forefoot pathology in modern humans? *The Foot*, v. 17, n. 4, p. 205–213, 2007.